



## Religião, sexualidade e família: o caso em que um dos parceiros é soropositivo para o HIV

Religion, sexuality and family: the case in which one partner is HIV positive

Carolina Teles Lemos \*

Clóvis Ecco \*

### Resumo

Analisa-se a relação entre religião, sexualidade e família de pessoas soropositivas para o HIV. O objetivo foi verificar a repercussão da constatação de que um dos (ou ambos) cônjuges é portador do HIV, nas representações e na configuração de suas famílias, tendo por base um possível ideário religioso subjacente às identidades de gênero masculina e feminina, bem como das formas de exercício da sexualidade que tal identidade de gênero comporta. Realizou-se uma pesquisa qualitativa. Os participantes foram mulheres e homens que vivem ou viveram maritalmente, podendo essa relação se dar ou ter se dado entre pessoas do sexo oposto ou pessoas do mesmo sexo, selecionados em uma instituição de apoio a soropositivos e a seus familiares. Todos os participantes soropositivos da referida instituição foram convidados a responder um questionário composto por nove perguntas abertas relacionadas à temática em foco. A análise dos dados permitiu a percepção de que embora haja uma forte incidência do ideário religioso sobre família e sexualidade para aquela população, o foco principal desse ideário não está nas representações das configurações de família, e sim enquanto elemento desencadeador de preconceito em relação ao soropositivo tanto no espaço familiar quanto para além dele.

**Palavras-chave:** Religião. Sexualidade. Família. Soropositividade.

### Abstract

This article examines the relationship between religion, sexuality and family of HIV seropositive individuals. It aims to verify the repercussion of finding that one of ( or both ) spouses is HIV positive , within the representations and configuration of their families , based on a possible religious ideas underlying to gender identities male and female , as well as to the exercise of sexuality that such gender identity entails. For this purpose, a qualitative survey was conducted. Participants were men and women who live or have lived in a marital status, and this relationship has occurred or took place between members of the opposite sex or same sex, selected in an institution to support HIV positive and their families. All seropositive participants of the mentioned institution were asked to answer a questionnaire composed of nine open questions related to the subject in focus. Data analysis allowed the perception that although there is a strong incidence of religious ideas about family and sexuality for that population, the main focus of this notion is not within the representations of family structures, but within the triggering element of prejudice towards HIV-positive both in the family space and beyond.

**Keywords:** Religion. Sexuality. Family. Seropositivity.

---

Artigo recebido em 11 de dezembro de 2013 e aprovado em 02 de junho de 2014.

\* Doutora em Ciências da Religião. Professora do Programa de Pós-graduação Stricto sensu em Ciências da Religião da PUC Goiás. País de origem: Brasil. E-mail: cteleslemos@uol.com.br.

\* Doutor em Ciências da Religião. Professor do Programa de Pós-graduação Stricto sensu em Ciências da Religião da PUC Goiás. País de origem: Brasil. E-mail: clovisecco@uol.com.br.

## Introdução

A presente pesquisa se insere em um projeto maior, de abrangência internacional, composto pelas seguintes instituições: Universidade Católica de Goiás (Brasil), Universidad de San Buenaventura e Universidad Católica de Colombia (Colômbia), Universidad Católica de Uruguay (Uruguai), Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción” (Paraguai) e Universidad Católica Cardenal Raúl Silva Henríquez (Chile). O referido projeto de pesquisa foi subvencionado pela Federación Internacional de Universidades Católicas (FIUC) e teve por objetivo compreender melhor as famílias fragilizadas em contextos latino americanos.

No Brasil, o projeto apresentado pela PUC Goiás estava em consonância com a proposta da FIUC, e se propôs investigar as famílias brasileiras em situações conflitivas, em suas dimensões sócio-históricas, jurídicas, culturais e subjetivas, em Goiânia, Goiás, no período entre 1998 a 2012. Sendo assim, o objeto de investigação do referido projeto são *“as implicações das dimensões sócio-históricas, jurídicas, culturais e subjetivas presentes nos espaços familiares fragilizados e em situação de conflitos, e seus efeitos sobre as famílias em Goiás e Goiânia”*<sup>1</sup>.

Tratava-se de um projeto interdisciplinar, que contou com seis sub-projetos, composto prioritariamente por investigações na área das Ciências Humanas. No caso deste sub-projeto em particular, embora tenhamos mantido a perspectiva interdisciplinar, nos centramos na perspectiva das Ciências da Religião, mais particularmente da Sociologia da Religião, por ser esta a área de formação dos pesquisadores. Tratava-se do Sub-projeto: Dimensões de gênero, religião e sexualidade nas representações e configurações da família em que um dos parceiros é portador do vírus da imunodeficiência humana - HIV/Aids. Este sub-projeto foi aprovada pelo CONEP.

---

<sup>1</sup> Conforme Projeto de Investigação Científica da PUCGoiás, enviado à FIUC em Outubro de 2009, p. 11 (impresso, acesso restrito).

Nosso objetivo neste sub-projeto em particular foi analisar quais são as repercussões nas representações e na configuração das famílias em que um dos (ou ambos) cônjuges passa a ser portador do HIV e que relação há entre essa repercussão e algum possível ideário religioso subjacente às identidades de gênero masculina e feminina, bem como às formas de exercício da sexualidade que tal identidade de gênero comporta.

Optamos por realizar uma pesquisa qualitativa, uma vez que nessa forma de pesquisa não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas, e era esse o nosso objetivo.

Os sujeitos da pesquisa foram mulheres e homens que vivem ou viveram maritalmente, podendo essa relação se dar ou ter se dado entre pessoas do sexo oposto ou pessoas do mesmo sexo (relações maritais entre homo e entre heterossexuais); selecionados em uma instituição de apoio a soropositivos e a seus familiares<sup>2</sup>. Tal entidade foi escolhida por ser um grupo composto por mulheres e homens soropositivos e pessoas solidárias, todos comprometidos com a causa dos portadores do HIV e cujo objetivo primordial é acompanhar as pessoas vivendo com o HIV/AIDS e oferecer-lhes informação e educação em relação à síndrome e, sobretudo, participar em suas reivindicações. Todos os participantes soropositivos da referida instituição foram convidados a responder um questionário composto por nove perguntas abertas relacionadas às suas concepções de religião, família, sexualidade e os reflexos da experiência com a soropositividade em suas vidas e famílias. Entre as pessoas que responderam o questionário, foram selecionados, através de sorteio, apenas quatorze homens e onze mulheres (representando 10% das pessoas frequentadoras da instituição) para uma entrevista mais aprofundada sobre as mesmas questões. Entre os quatorze homens entrevistados, quanto a seu

---

<sup>2</sup> As entrevistas foram realizadas nos meses de janeiro e junho de 2011. Foram elaborados dois questionários fechados, o primeiro foi aplicado para colher os dados preliminares dos participantes e foi respondido por 250 pessoas. Destes participantes, por meio de sorteio, 13 homens e 12 mulheres, representando 10% das pessoas frequentadoras da ONG (homossexuais e heterossexuais) se disponibilizaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para responder a um questionário composto por nove perguntas abertas relacionadas às suas concepções de religião, família, sexualidade e os reflexos da experiência com a soropositividade em suas vidas e famílias. Para a análise dos dados, procedeu-se primeiramente à leitura do todo das entrevistas, posteriormente realizou-se recortes temáticos por aproximação das ideias apresentadas pelos sujeitos. Em seguida, procedeu-se à definição das principais categorias de análise: religião, sexualidade, família e, por fim, realizou-se a análise aqui apresentada.

estado civil: doze se declararam casados, um informou ser solteiro e um não informou seu estado civil. Entre os doze que se declararam casados, seis se declararam casados com pessoa do mesmo sexo; dos casados com pessoas do mesmo sexo, dois afirmaram estar separados de seus companheiros. Entre os seis que afirmaram ter casado com mulheres, quatro afirmaram continuar casados e dois se declararam separados. Em relação ao estado civil das onze mulheres entrevistadas, cinco se declararam viúvas, três afirmaram ser casadas e duas apresentaram-se como separadas. Quanto à religião, todas as pessoas entrevistadas afirmaram crer em Deus e sobre a relação com igrejas, entre os quatorze homens entrevistados, quatro afirmaram não ser membro de nenhuma igreja, três apresentaram-se como espíritas, três afirmaram ser evangélicos, dois se declararam testemunhas de Jeová e dois afirmaram ser católicos. Em relação às onze mulheres entrevistadas, três afirmaram ser católicas, quatro disseram ser evangélicas, uma declarou-se espírita e três disseram ser testemunhas de Jeová.

O presente texto apresenta uma análise do material coletado nessa segunda fase da pesquisa, nas entrevistas.

## **1 A crença em Deus e a soropositividade**

Pelo perfil das pessoas entrevistadas, tanto no que tange ao estado civil quanto à religião, já se pode vislumbrar a complexidade das relações que se estabelecem naquele universo social. Para dar conta de tal complexidade, nossa análise das informações obtidas no campo empírico partiu do pressuposto que mudanças estão ocorrendo em dois campos da vida cotidiana, devidamente interligados: as reconfigurações das relações de gênero e da família e as transformações por que passa o campo religioso.

Entre as reconfigurações do campo religioso, destacamos que consideramos a religião enquanto elemento integrante da cultura de uma população, na acepção que nos apresenta Geertz ao afirmar que cultura são sistemas entrelaçados de

signos interpretáveis. A religião, como aspecto da cultura, é um contexto, algo dentro do qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade,

é um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p. 24).

Nessa perspectiva, uma pessoa religiosa é aquela que possui crenças religiosas, que acredita, valoriza ou tem devoção a algum poder considerado superior, podendo ou não ser devoto de alguma religião institucionalizada (PARGAMENT, 1997; TIX; FRAZIER, 1998).

Portanto, a religião nesta investigação é entendida como “*um sistema de símbolos*” (GEERTZ, 1989, p. 104) estruturado, cuja estrutura corresponde à estrutura social na qual está inserida (BOURDIEU, 1998, p. 45 e 33) e cujo conteúdo é uma síntese do *ethos* de um povo (GEERTZ, 1989, p. 103-104). Mas ela é também, graças ao seu efeito de consagração ou de legitimação de diferentes situações, um sistema de símbolos estruturante, e por esse motivo ela delimita o campo do que pode ser discutido em oposição ao que está fora de discussão (BOURDIEU, 1998, p. 45-47).

Tanto na perspectiva das religiões institucionais como em outras formas religiosas, no que tange ao campo religioso (BOURDIEU, 1998, p. 119-120)<sup>3</sup>, destacamos que as mudanças estão em consonância com as transformações ocorridas na percepção do lugar do indivíduo como sujeito na sociedade atual. Em consonância com essa percepção, observamos que, no caso de nosso campo empírico, a crença em Deus se apresenta como um dos principais aspectos que compõem a percepção dos sujeitos enquanto seres humanos. Afirmam eles que:

---

<sup>3</sup> Para o autor, campo religioso é um espaço no qual os agentes lutam pela imposição legítima não só do religioso, mas também das diferentes maneiras de desempenhar o papel religioso (BOURDIEU, 1998, p. 120).

## a) Deus é tudo

Deus é tudo, tudo para mim. Eu sou o que sou graças a ele (MS, masculino, tem uma parceira também soropositivo, 32 anos, espírita).

Eu me atenho a uma religião, mas Deus está acima. Eu creio no Deus dos Cristãos. Nos outros Deus eu não creio. Eu creio no Deus de Israel, Abraão, Jacó e no filho Jesus Cristo. Deus me fortalece. Eu sempre busco força espiritual. Busco Deus constantemente para me superar (NMJ, masculino, 51 anos, afirma ser cristão não participante, solteiro).

Eu acredito muito em Deus. Se nós existimos foi alguém que nos criou e esse foi Deus. Também criou o céu e a terra. Deus faz parte do meu dia-a-dia. Sempre peço para ele me guiar. Também peço para guiar os meus amigos, ele é a razão da minha existência. Já passei por tanto, se não fosse ele eu não estaria mais aqui. Quando eu estive 19 dias na UTI, com meningite, as pessoas que iam me visitar não acreditavam mais que iria sair de lá vivo, mas Deus foi tão bom e hoje estou aqui falando contigo (VNO, masculino, 35 anos, casado com companheiro, sem religião).

Destaca-se a importância da crença em Deus, uma vez que a espiritualidade, a religiosidade ou as crenças religiosas mostram-se condutoras dos comportamentos dos familiares no processo de adaptação e ajustamento à realidade da presença da doença em um de seus membros. A relação entre crença em Deus, reestruturação familiar e saúde se torna mais evidente nos depoimentos que seguem.

## b) A notícia da soropositividade leva a pensar mais em Deus

Até a notícia da soropositividade a gente não pensa em Deus. Só depois a gente começa a pensar mais em Deus (GS, masculino, 34 anos, casado, testemunha de Jeová).

Acreditava em Deus, mas não no impossível que poderia acontecer comigo. Quando eu contraí uma doença oportunista, as pessoas que iam me visitar das igrejas me diziam: você vai sair desta. Eu acreditava muito nas palavras que ouvia e me apeguei a elas. Eu lia muito a Bíblia (RC, Masculino, 37 anos, espírita, mora com um companheiro).

Estas afirmações nos levam à percepção que a doença pode se tornar uma motivação para uma maior aproximação com o divino, na tentativa de salvação ou

de resolução dos problemas. Embora a religião ou religiosidade não tenha o poder de resolver a situação instantaneamente, as pessoas podem busca-la na expectativa de ir renovando as energias para que a família vá identificando recursos e aprendendo a lidar com as situações.

### c) A religião ajuda

Religião ajuda porque é a base de tudo (MS, masculino, tem uma parceira também soropositivo, 32 anos, espírita).

Sem uma religião, sem Deus na vida da pessoa você não encontra força e nem esperança para lutar. Se não fosse a religião hoje eu estaria morto (RC, masculino, 37 anos, espírita, mora com um companheiro).

Os ensinamentos religiosos ajudam no apoio espiritual. Se não tiver o apoio espiritual a pessoa pode entrar em depressão. Penso que apesar de não ser obediente, eu tenho um pouco de obediência a Deus, se eu não tivesse eu tenho certeza que seria pior (NMJ, masculino, 51 anos; cristão não participante, solteiro).

Embora a centralidade na busca pessoal de construção de sentido em detrimento do peso dado às referências institucionais (BERGER, 1985 e 2001; HERVIEU-LÉGER, 1997; MARIZ, 2001 e 2006) possa ser percebida entre os sujeitos de nossa investigação, a presença das igrejas aparece, ainda que com reduzida força de convencimento, como um espaço que ajuda, orienta e acolhe as pessoas soropositivas para o HIV. Ou melhor, parece que não há muita distinção entre religião e igreja. Alguns, ao falar que a religião ajuda, principalmente os que se referem a ajuda recebida através dos ensinamentos religiosos, dão a entender que estão se referindo à religião vivenciada nas igrejas. Alguns deixam essa relação mais explícita:

A religião me ajuda, as pessoas são próximas de mim. Quando eu fiquei doente eles vieram me visitar, oravam por mim. Ajudaram muito (RC, masculino, 37 anos, espírita, mora com um companheiro).

A Igreja ajuda com palavras e ensinamentos da bíblia. As vezes a gente quer se separar de vez e a Igreja ajuda (NAM, feminino, 59 anos, evangélica, viúva).

A religião ajudou com certeza. A família é toda evangélica. A religião ajudou muito (JRS, masculino, 37 anos, separado, evangélico).

Os ensinamentos da igreja me fortaleceu. Se eu não tivesse me apegado aos evangelhos e a doutrina, com certeza eu não existiria mais. Procurei muito o conhecimento para poder envolver a minha mente e poder entender o que estava acontecendo com a minha vida (TSS, masculino, 34 anos, evangélico, separado).

Há também quem se afirme sem religião, no entanto, de nosso ponto de vista, pode-se entender como sem filiação a uma igreja em particular, uma vez que o participante afirma buscar Deus em mais que uma igreja ou instituição religiosa:

Hoje existe mais de 11 mil religiões, mas Deus é só um. Se você me convidar a eu ir na Igreja católica eu vou, se for na espírita eu vou, não tenho problema. E só não tenho uma religião definitiva (VNO, masculino, 35 anos, casado com companheiro, sem religião).

Neste caso, embora este não seja o foco desta investigação, destacamos que essa não é uma característica exclusiva desse participante, mas, como bem destacam pesquisas como as de Steil (2004), Sanchis (1995) e Neri (2011) entre outros, esta parece ser uma tendência no campo religioso atual.

Outra afirmação dos sujeitos é que a crença em Deus e os ensinamentos religiosos levam ao respeito e o amor ao outro:

A base é o amor e a caridade ao próximo. Dar ao próximo sem esperar nada. O que vem de graça de Deus você retribui integralmente (MS, masculino, tem uma parceira também soropositivo, 32 anos, espírita). Ela (a religião) ajuda bastante. Como: a gente pensa mais em Deus. Se eu não pensar em Deus eu não teria problema em contaminar outras pessoas. É Deus que faz com que eu me cuide e cuide também das outras pessoas. Primeiro temos que pensar em Deus e depois no próximo. O próximo não tem culpa de eu ser contaminado (GS, masculino, 34 anos, casado, testemunha de Jeová).

Os depoimentos acima nos levam a perceber que se o pertencimento religioso no Brasil tem experimentado grandes modificações nas últimas décadas, isso não significa total perda de eficácia. Embora possamos falar de "pertencimentos religiosos", uma vez que a idéia de inclusão numa fé religiosa como ato para a vida toda sofreu flexibilização na vida de muitos indivíduos, o fato



de se sentir pertencendo a alguma das igrejas disponíveis no mercado religioso contribui para que o fiel, quando portador do HIV, sintasse acolhido, orientado, ajudado.

## 2 Igreja e sexualidade: normatização sem informação

Com flexibilização ou não quanto a força exercida pelas igrejas na sociedade atual, ou talvez mesmo por causa dessa flexibilização ou ao lado desse elemento de "instabilidade" religiosa, destacou-se na presente pesquisa a referência feita pelos sujeitos ao espaço privilegiado concedido em todas as igrejas mencionadas para as questões ligadas a sexualidade, muitas vezes vinculadas ao casamento e à reprodução. Destaca-se, porém, a pouca atenção ou informação dada em relação à preservação quanto ao HIV, bem como os posicionamentos críticos de parte dos fiéis sobre as restrições morais relacionadas com a sexualidade:

Sexualidade? focam muito que é pecado fora do casamento (GS, masculino, 34 anos, casado, testemunha de Jeová).

Sexualidade? Eu penso que nem toda as religiões cristã aceita a sexualidade normalmente. Muitas têm preconceito, umas mais e outras menos. Soropositivo? eu não ouvi nenhuma orientação. Eu não frequento as igrejas (NMJ, masculino, 51 anos, cristão não participante, solteiro).

Igreja e Sexo? não ter relação antes do casamento, só no matrimônio, eu acho radical demais. Soropositivo para o HIV? para falar a verdade eu não lembro nada de ouvir alguma vez. Fala-se histórias sobre a bíblia mesmo. Nunca ouvi um discurso elaborado na perspectiva do HIV (religião) (A, masculino, 34 anos, não tem uma religião definida. É separado).

Sexo? Sexo antes do casamento é pecado. Soropositivo? sobre os preservativos que o Papa disse para usar nestes casos (HIV). Quem segue à risca, mesmo, ajuda. Agora, para aqueles que não seguem não resolve em nada. Se a gente seguisse tudo o que ensina a Bíblia e a Igreja eu não estaria com HIV. Mas a Igreja ajuda através do apoio que eles dão para a gente. (VMS, feminino, 50 anos, católica, viúva).

Para mim religião não altera muito. Ela fala que não, e acabou o diálogo. Ela não aceita o uso de preservativo, ela não aceita a homossexualidade. A religião condena o uso da camisinha. Imagina eu soropositivo?!?!. A igreja nem ajudou e nem colaborou, só atrapalhou. Eu sou negro, soropositivo e homossexual, o que você acha?!?! (JRS, masculino, 48 anos, não falou que tem religião e nem qual. É casado com pessoa do mesmo sexo).

Entendem-se os posicionamentos críticos de grande parte dos sujeitos em relação ao que ouvem de suas igrejas sobre a sexualidade e o que não ouvem sobre o HIV no contexto de uma nova relação sujeito-religião, caracterizada por uma maior ênfase na busca individual da religião como um dos elementos constituintes da identidade pessoal. Ou seja, se nas sociedades tradicionais, era a sociedade ou a “cultura” que determinava a identidade do indivíduo, no mundo moderno e pluralista, é o indivíduo que pode e, de algum modo deve, escolher a sua identidade, determinando quem ele é. Essa escolha implica em uma seleção dos valores disponibilizados pelas diferentes ofertas religiosas, ou ainda, em “adesões parciais” aos valores disponibilizados por uma mesma oferta religiosa: o indivíduo aceita uma parte dos dogmas e da disciplina da religião institucionalizada, mas discorda e rejeita outra parte (ANTONIAZZI, 1998, p. 13). No caso dos sujeitos entrevistados na presente pesquisa, grande parte dos sujeitos aceitam a acolhida, o apoio recebido das igrejas, destacam a força de suas crenças em Deus, mas criticam o estreitamento da moral sexual e a pouca atenção dada ao HIV. Tal postura se coaduna bem com o “novo” jeito de ser religioso, onde o indivíduo é entendido como sujeito gerador de sua própria autonomia e liberdade. É a consciência do sujeito que passa a ser o critério fundamental para a constituição do universo religioso e para sua movimentação na esfera religiosa (BRANDÃO, 1994, p. 29). E como fica a relação família-religião nesse contexto?

### **3 A família: uma instituição sagrada e fragmentada**

Se o campo religioso está em mudanças hoje, há também outra esfera de significações e de articulação da vida cotidiana que passa por significativas mudanças. Trata-se da família, evidenciando também reconfigurações nas relações de gênero<sup>4</sup>. Sinais dessas mudanças é a multiplicidade e a flexibilização dos

---

<sup>4</sup> Assumimos a concepção de **Gênero** a partir da perspectiva de (SCOTT, 1996; SAFFIOTI, 1999; KERGOAT, 1984; GOMÁRIZ, 1992; FERRAND, 1987; DE BARBIERI, 1992; CORRÊA, 1996) entre outras, que o compreendem como uma forma primeira de significar as relações de poder e atribuir hierarquias às diferenças biológicas entre os sexos masculino e feminino. E sobre a utilização dessa categoria nas análises da família na atualidade, de fato, há uma vasta gama de produções. Entre elas destacamos (BICALHO, 2001; CORREA, 1996; MACEDO, 1994; RIBEIRO; RIBEIRO, 1995; SARTI, 1995; ACOSTA; VITALE, 2005; HEILBORN, 2005).

arranjos conjugais, na qual aparecem, coexistindo, antigos e novos modelos de conjugalidade. Os antigos modelos são ainda marcados pelo ideal da composição familiar formado por pai, mãe e filhos e sustentado pelo ideal do amor romântico, tanto para homens quanto para mulheres. Os novos modelos são caracterizados pela defesa da multiplicidade de arranjos conjugais, nos quais se sobressai a centralidade de aspectos como a individualidade, a privacidade e a liberdade (SINGLY, 2007). Também passa por mudanças a importância dada à instituição família no seio de nossa sociedade (MACEDO, 1994). Sendo assim, a família se apresenta hoje como uma esfera em que princípios norteadores do comportamento e práticas sociais mutáveis se criam, se confrontam, se recriam cotidianamente (RIBEIRO, 1994). Nas mudanças que vêm ocorrendo no comportamento da família brasileira, o “desmapeamento de valores” sinaliza para a convivência, no sujeito, em níveis diferentes, de dois ou mais conjuntos de valores, ou mapas (RIBEIRO, 1994). Nesse contexto, destaca-se a permanência, mas também aspectos de mudanças na relação entre religião e configuração das famílias contemporâneas (HEILBORN et. al., 2005a e 2005b; DUARTE, 2006).

Percebemos a incidência dessas mudanças em nosso campo empírico. Naquele contexto a sexualidade<sup>5</sup> se coloca como um dos aspectos correlatos à flexibilização dos arranjos conjugais que merece destaque tanto pela forma como influencia nas (re)composições das famílias como pela estreita relação entre ele e a crescente presença de casos de infecção de HIV. Em tal espaço, embora a grande maioria tenha afirmado que suas famílias encontram-se em situações de grandes dificuldades nos relacionamentos, a família é considerada uma instituição muito importante, uma instituição divina: “Família é o pilar da vida do ser humano” (TSS, masculino, 34 anos, evangélico, separado); “Família é algo bem sagrado. É sagrado” (GS, masculino, 34 anos, casado, testemunha de Jeová); “Família – para mim é a primeira instituição de Deus. Quem organizou foi Deus” (NMJ, masculino, 51 anos, cristão não participante, solteiro); “A família é alicerce” (TSS, masculino,

---

<sup>5</sup> Sobre **sexualidade**, entendemos (como FOUCAULT, 1993; VILLELA; BARBOSA, 1996; PARKER 1991; RUBIN, 1989; PARKER; GAGNON, 1994a) uma categoria construída socialmente tendo por base a concepção de se trata de uma dimensão humana que está para além do dado biológico. Isto porque a concepção de sexualidade foi estabelecida paralelamente a outras mudanças que estavam ocorrendo nos mais diversos campos da cultura.

34 anos, evangélico, separado); “Família, a partir da minha religião é uma instituição de Deus. Deus instituiu a família para que a sociedade esteja organizada. É uma união” (SNBG, feminino, 19 anos, testemunha de Jeová, casada).

A ênfase dada à instituição família merece mais atenção se considerarmos a situação conjugal dos vinte e cinco sujeitos entrevistados: vinte e dois casados, dois solteiros e um não informou seu estado civil. Dentre os casados masculinos, seis se declararam casados com pessoa do mesmo sexo. Entre o total dos casados, seis estão separados; cinco são viúvas; onze afirmaram continuar casados.

Visando compreender a qualidade de sagrada colocada pelos sujeitos à família, recorreremos ao pensamento de Duarte (2006), mais particularmente em suas referências à relação família-religião na atualidade. Afirma o autor que a referência abundante às experiências explicitamente ‘religiosas’ se imiscuem com as experiências ‘familiares’, configurando uma espécie de campo unificado, de trânsito permanente de referências valorativas, de marcas identitárias e de disposições vivenciais.

Convém lembrar que a AIDS é uma epidemia sexualmente transmissível, e sua história no país tem estado associada a crescente visibilidade da homossexualidade, em particular a masculina, e também a visibilidade da prostituição feminina (com a denominação de trabalhadoras do sexo) e das questões ligadas ao uso de drogas injetáveis, temas todos muito polêmicos. Em tal contexto, se o ideário referente à família apresentado pelas suas instituições religiosas é destacado pelos sujeitos, quando se referem às suas vidas práticas cotidianas tal ideário é testado pela complexidade presente em tal espaço. A experiência do HIV realça, acentua, desnuda tais conflitos, mas também pode representar ocasião para que tais ideários sejam revistos e as pessoas se repositonem em relação a eles, seja para aderirem aos mesmos, seja para relativizá-los ainda mais. No caso de nosso campo empírico, em relação à família, pudemos perceber algumas características da família na atualidade.

### **a) A família já vivenciava uma relação complexa e desintegrada quando soube da notícia de que era soropositivo**

Não eram tão próximos. Eu entrei no soropositivo porque eu não tive um apoio familiar. Eu era muito disperso e sem apoio e orientação de ninguém. Se eu tivesse a educação exemplar de uma família eu não teria contraído o soropositivo. A família corrige, aconselha. Eu descobri o mundo a partir de mim próprio (RC, masculino, 37 anos, espírita, mora com um companheiro).

Foi uma família bastante grossa, minhas irmãs e minha mãe também (VNO, masculino, 35 anos, casado com companheiro, sem religião).

A situação de desintegração familiar já presente no momento da informação do diagnóstico se apresenta como um elemento de extrema gravidade, uma vez que a pessoa portadora da doença crônica na família modifica e abala toda a estrutura familiar, gerando grandes conflitos e transtornos no ambiente familiar. Se a família já se encontra desestruturada, esse fator se apresenta como um agravamento da situação, pois quando a família tem um membro com doença crônica, todos os seus membros sofrem ansiedade e stress.

### **b) Desintegrada ou não, a família é muito importante para o soropositivo (HIV)**

A família é tudo para uma pessoa com HIV. É a estrutura para alguém soropositivo para o HIV. Eu queria falar para a minha família mas não queria que ninguém chorasse e nem se apavorasse, senão me jogaria muito para baixo. Quando eu falei a mãe desmaiou e os outros começaram a chorar. Quando eu consegui falar para a minha família a felicidade foi muito grande para mim. Era impossível conter o tamanho da felicidade (JRS, masculino, 48 anos, não falou que tem religião e nem qual, casado com pessoa do mesmo sexo).

Família – meu suporte, sempre me apoiaram, nunca me abandonaram, como diz- é tudo para mim (VMS, feminino, 50 anos, católica, viúva).

### **c) A experiência de um soropositivo para o HIV na família, após o impacto da notícia, faz com que esta se torne mais integrada**

Após a notícia do soropositivo, a família mudou muito, se aproximaram de mim, ficaram mais solidários. Ficaram com preconceito e com medo. Mas com a orientação dos médicos, eles logo viram que não era assim. Hoje eles têm muito amor por mim (RC, masculino, 37 anos, espírita, mora com um companheiro).

Quando descobriram eu sofri aquele preconceito horroroso. Só que hoje em dia está normal. Eles me tratam bem e eu trato bem eles e tudo normal. Sexo é só após o casamento. Soropositivo são consequências dos atos e dos outros também (TSS, masculino, 34 anos, evangélico, separado).

Até hoje não senti preconceito de ninguém. O HIV fez com que a minha família que era desunida se unissem. Tiveram um cuidado maior para mim. Para mim foi positivo. As pessoas que não tinham contato agora se aproximaram (JRS, masculino, 37 anos, separado, Evangélico).

Depois do HIV a minha família mudou muito. Por exemplo – meu pai só foi saber depois de muito tempo, ele já era separado de minha mãe. A minha mãe fala comigo, pergunta demais, mas quando eu preciso ela está sempre lá. Ela não me deixa na mão. Isso eu queria entender porque que ela me maltrata, mas está sempre ao meu lado quando eu solicitar. A minha família mudou muito, mas eu não posso deixar de viver, viver, viver... (VNO, masculino, 35 anos, casado com companheiro, sem religião).

Os depoimentos acima evidenciam que há mudanças significativas na vida cotidiana da família em que um de seus membros adquire doença crônica, como é o caso do HIV. Rearranjos e reorganizações da vida e da estrutura familiar passam a ser necessárias devido ao tratamento da pessoa, uma vez que as rupturas do cotidiano afetam a todos. Estes momentos representam marcos na vida destas pessoas, implicando em profundas transformações. No entanto, percebeu-se que a doença, apesar de abalar a família, pode também provocar a reestruturação de vínculos familiares. Frente à situação de crise, a família tem a chance de repensar valores e formas de se relacionar, propiciando situações de afeto e assistência a todos os membros. Como afirma Roland (1995), a doença atua como força centrípeta dentro da família, fazendo com que os membros se voltem para as necessidades do paciente.

Vale notar que a maior parte das pessoas entrevistadas, entre as quais as pessoas separadas, viúvas ou solteiras, na maioria das vezes quando se referem à família, é sobre suas famílias de origem que estão falando.

**d) Uma família que deveria ter muito amor, quando um de seus membros se apresenta como soropositivo para o HIV, o renega e o abandona**

A família tem que ter muito amor. Mas se a gente dá tanto amor e a família te joga no lixo, o que você tem que fazer? Uma mãe têm 5 filhos e vão jogar a mãe num latão de lixo. Só fazem acusações. O que você tem que fazer? Perdi um filho recentemente e os outros dizem que fui eu que matei. Só penso que estou eu e Deus, não tenho mais ninguém (NAM, feminino, 59 anos, evangélica atuante, viúva).

Tive que administrar a questão da discriminação. Até hoje na própria família não aceita. Uma tia minha nunca mais falou comigo. A mulher de um primo me falou: como você evangélico pode contrair o vírus? Você foi contra toda a instituição da família (A, masculino, 34 anos, não tem uma religião definida, separado).

Como afirmamos anteriormente, e também como deixa claro estes depoimentos, a unidade familiar sofre rupturas do seu estilo de vida a vários níveis quando um de seus membros adoece. Ela precisa se reorganizar para lidar com tal doença e com a incapacidade em que se encontra o sujeito muitas vezes até para realizar as simples tarefas do seu dia-a-dia. Mc Goldrick (1998), em suas investigações sobre situações congêneres, percebeu que, inclusive, podem surgir problemas entre os membros da família, como abuso de álcool ou drogas, ansiedades, fobias, compulsões, conflitos ou separações conjugais, depressão ou a incapacidade dos membros da família de saírem de casa ou de se comprometerem em outros relacionamentos. No caso desta investigação, percebeu-se que a complexidade de tal situação levou ao abandono familiar da pessoa soropositiva para o HIV. Neste caso se observa a complexidade da relação religião, família, doença. Ou seja, embora as pessoas tenham afirmado a importância da religião em suas vidas, tenham relacionado a família com a religião e a maioria das ideias religiosas destaquem a importância do compromisso da família com seus membros, quando tal comportamento é exigido, tais ensinamentos são relativizados. Desta forma, percebeu-se que o comportamento religioso, quando relacionado ao processo saúde doença, está permeado pelo significado que é dado às crenças correspondentes. Consequentemente, dependendo da crença da família, o significado dado à doença faz com que o enfrentamento dessas situações difíceis seja mais fácil ou não.

### **e) A experiência do abandono familiar leva a uma reelaboração do conceito de família**

Considero meus filhos as pessoas que me acolhem: o psicólogo, você, o médico e uma criança com limitação física que eu adotei e cuido (NAM, feminino, 59 anos, evangélica, viúva).

Tive muitos problemas com meus familiares. A mãe me botou para fora. A minha mãe é alcoólatra, e me recebe e sem mais sem menos me bota novamente para fora de casa. Os familiares são os meus amigos, que me olham como uma pessoa normal. Vivo hoje com um amigo (VNO, masculino, 35 anos, casado com companheiro, sem religião).

Entendemos que se a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e revisadas à luz de novas informações sobre estas próprias práticas, alterando constitutivamente seu caráter (GIDDENS et al., 1997), a tradicional (inter)relação entre religião, gênero e família também passa por tais revisões. Um sinal dessa revisão foi o que percebemos em nosso campo empírico, no qual a constatação de que um membro da família é portador do HIV, em muitos casos, gerou uma situação de conflito, tendo resultados os mais diversos. Entre os tantos resultados evidenciados, percebemos uma reafirmação das crenças religiosas e uma idealização da família, enquanto instituição sagrada, criada por Deus e muito importante para o soropositivo. Talvez, exatamente por essa idealização, é tão forte a decepção das pessoas soropositivas com suas famílias reais quando por elas são abandonadas nos momentos em que mais precisam delas.

Quando organizamos nosso projeto de investigação, supúnhamos que iríamos verificar críticas evidentes ao sistema patriarcal (WEBER, 1997; SARTI, 1994) presente em nossa cultura. Isto porque tal sistema tem como uma de suas características a definição do lugar do homem e da mulher na estrutura familiar, bem como as possíveis práticas sexuais concernentes ao referido lugar. Entendíamos que, como a presença do vírus evoca normalmente determinadas práticas sexuais fora das relações matrimoniais, o enfrentamento da mesma traria consigo uma revisão da representação de todos os aspectos a ela correlatos, como



fidelidade conjugal, papéis de gênero masculino e feminino ao interno das relações familiares, aspectos constituintes da própria identidade de gênero masculina e feminina, bem como o ideário que a compõe<sup>6</sup>. Esperávamos que pudéssemos perceber, como conseqüência desse enfrentamento, a construção de novas (ou a reformulação) das representações e configurações da família. No entanto, o que a investigação revelou é que as fronteiras que definem os papéis do masculino e do feminino, naquele contexto, há muito já estão diluídas e, portanto, a tão falada fidelidade conjugal já não é muito esperada pelas pessoas. Embora elas tenham afirmado que a religião, e estavam se referindo às suas igrejas, defende a idéia de que o sexo só deva acontecer no matrimônio, nenhuma delas afirmou que foi abandonada ou que seu matrimônio se desfez por conta da evidência de uma possível infidelidade conjugal revelada pela presença do HIV. O abandono dos familiares, muitas vezes referindo-se à família de origem e não do marido, parceiro, esposa ou parceira atual com raras exceções, se dava em vista das dificuldades financeiras e não por questões de infidelidade conjugal.

### **Ideias conclusivas**

As considerações acima me levaram às seguintes idéias conclusivas: a crença em Deus se apresenta como um dos principais aspectos que compõem a percepção dos sujeitos enquanto seres humanos. Para eles Deus é tudo; a notícia da soropositividade leva a pensar mais em Deus; a religião ajuda com seus ensinamentos e apoio espiritual; de uma forma bastante complexa, as igrejas são mencionadas com um papel ambíguo tanto quanto ao que se refere às distintas formas de pertença dos sujeitos quanto em relação ao papel desempenhado por elas: ensinam, apóiam espiritualmente, mas também normatizam a sexualidade e deixam a desejar quanto às informações sobre prevenção em relação ao HIV. Apesar de tais fragilidades, para os sujeitos a crença em deus e os ensinamentos religiosos levam ao respeito e ao amor ao outro, inclusive no que tange aos cuidados quanto a uma possível contaminação com o HIV. Em relação à família, tal

---

<sup>6</sup> Camargo Junior (1994), Grimek (1989), Parker (1994) entre outros.

instituição ocupa um lugar central enquanto forma de estruturação da sociedade atual; As representações da referida instituição são compostas e permeadas por ideários religiosos em uma cultura em que tais ideários são considerados pelas pessoas como de fundamental importância para sua autopercepção enquanto seres humanos; embora os ideários religiosos sobre família sejam aceitos pelas pessoas entrevistadas, estas posicionam-se criticamente em relação aos ensinamentos referentes à sexualidade; no contexto familiar em que as pessoas entrevistadas se encontram, suas famílias já se encontravam em situações deterioradas em suas relações; as fronteiras entre as identidades masculina e feminina, bem como os papéis sexuais delas esperados também encontravam-se pouco definidas, destacando-se um significativo número de casais homossexuais em relações bastante conflituosas; a notícia que um membro da família é soropositivo causa grande impacto sobre os frágeis laços familiares, na maioria das vezes em relação à família de origem da pessoa soropositiva para o HIV; os desdobramentos desses impactos se dão basicamente em duas direções: a (re)união da família e o apoio ao soropositivo; o abandono do mesmo. Caso seja o abandono, há uma re-formulação da própria concepção de família, sendo esta entendida, então como: as pessoas que me acolhem, me respeitam e me vêem como gente.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália (Org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2005.

ANTONIAZZI, A. O Sagrado e as religiões no limiar do Terceiro Milênio. In: CALIMAN, C. (Org.). **A Sedução do Sagrado: O fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 11-19.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1. p. 9-23, 2001.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

- BICALHO, Elizabete. **A nódoa da misoginia na naturalização da violência de gênero:** mulheres pentecostais e carismáticas. 2001. 228f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Goiânia.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectivas, 1998.
- BRANDÃO, C. R. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. **Misticismo e novas religiões.** Petrópolis- Bragança Paulista: Vozes-USF/IFAN, 1994. p. 23-41.
- BRETON, D. Le. **A construção social do corpo.** Campinas: Papyrus, 2002.
- BRETON, D. Le. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2006.
- BRETON, D. Le. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2003.
- CAMARGO JUNIOR, Kenneth Rochel de. **As ciências da AIDS & a AIDS das ciências:** discurso médico e a construção da AIDS. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; ABIA: IMS, UERJ, 1994.
- CORRÊA, Sonia. Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: idéias fora do lugar? In: PARKER; BARBOSA (Org.). **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA: IMS/UERJ, 1996. p. 149-159.
- DE BARBIERI, Teresita. **Sobre a categoria gênero:** uma introdução teórico-metodológica. Recife: S.O.S. Corpo, 1992.
- DUARTE, Luiz Fernando (et. al. Org.). **Família e religião.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Ethos privado e justificação religiosa: negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. **Sexualidade, família e ethos religioso.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 137-176.
- FERRAND, Michèle. **Relações sociais de sexo, maternidade e paternidade.** Trad. Soraya Tahrán, 1987. [mimeo].
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, Anthony et al. **Modernização reflexiva:** política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: UNESP, 1997.
- GOMÁRIZ, Enrique. Los estudios de género y sus fuentes epistemológicas: periodización y perspectivas. **Fin de siglo:** género y cambio civilizatorio, México, Ed. de las Mujeres, n. 17, p. 83-110, 1992.
- GRIMEK, M. D. **Histoire du Sida.** Paris: Payot, 1989.

HEILBORN, M. L. (et. al. Org.). **Relações Familiares, Sexualidade e Religião**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005a.

HEILBORN, Maria Luiza (et. al. Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Gramond, 2005b.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1., p. 31-48, 1997.

KERGOAT, Daniele. Plaidoyer pour une sociologie dès rapports sociaux. De l'analyse critique dès catégories dominantes à la mise em place d'une nouvelle conceptualisation. In: Barrère-Maurisson, M. A. et alt., **Lê sexe du travail, structures familiales système productif**. Grenoble: PUG, 1984.

MACEDO, Rosa Maria. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 62-68, nov. 1994.

MARIZ, Cecília. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 53-68.

MARIZ, Cecília. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1. p. 25-39, 2001.

Mc GOLDRICK & COLS, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Uma estrutura para a terapia familiar. (p373-392). 2. ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

NERI, Marcelo Cortês (Coord.). **Novo mapa das religiões**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011.

PARGAMENT, K. I. **The psychology of religion and coping: Theory, research, practice**. New York, USA: The Guilford, 1997.

PARKER, Richard et AL. **A AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará e ABIA: IMS/UERJ, 1994.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PARKER, Richard; GAGNON, John. Conceiving sexuality. In: PARKER, Richard; GAGNON, John (Org.). **Conceiving sexuality: approaches to sex research in a postmodern world**. Nova York: Routledge, 1994a. p. 3-19.

RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres (Org.). **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995.

RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Família e desafios na sociedade brasileira: valores como um ângulo de análise**. Rio de Janeiro: Centro João XXIII/ São Paulo: Loyola, 1994.

ROLLAND, J.S. Doença crônica e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK & COLS, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre, Artes médicas, 1995. p. 373-392.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carol. **Placer e peligro: explorando la sexualidad femenina**. México: Revolución, 1989. p. 113-190.

SAFFIOTI, Heleieth. O estatuto teórico da violência de gênero. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (Org.). **Violência em tempo de globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 142-163.

SANCHIS, P. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?. In: HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995): o debate metodológico**. Petrópolis: Vozes, 1995. p.43-61.

SARTI, Cynthia A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

SARTI, Cynthia A. A família como ordem moral. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 46-53, nov. 1994.

SARTI, Cynthia A. O valor da família para os pobres. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres (Org.). **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995. p. 131-159.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: S.O.S. Corpo, 1996.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

STEIL, Carlos Alberto. Renovação Carismática Católica: Porta de entrada ou saída do catolicismo?. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 182-190, 2004.

TIX, A. P.; FRAZIER, P. A. (1998). The use of religious coping during stressful life events: Main effects, moderation, and mediation. **Journal for Consulting & Clinical Psychology**, Sacramento, v. 66, n. 2, p. 411-422, Apr. 1998.

VILLELA, Wilza Vieira; BARBOSA, Regina Maria. Repensando as relações entre gênero e sexualidade. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Org.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, ABIA/UERJ, 1996. p. 189-199.

WEBER, Max. **Economia y Sociedad**. 11. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.